DESTINO OU ESCOLHA:
A VERDADE SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da economia do desenvolvimento, a persistência da pobreza no continente africano é frequentemente associada a visões fatalistas, que apontam o clima tropical, o isolamento geográfico e supostas barreiras culturais como entraves intransponíveis ao crescimento. Essa perspectiva tradicional de livre mercado, contudo, é contestada por abordagens críticas que demonstram que tais fatores naturais não explicam o atraso da região. O contraponto central baseia-se no fato de que essas condicionantes geográficas sempre existiram e, mesmo assim, o continente registrou períodos de forte avanço econômico no passado. Portanto, a análise teórica redireciona a responsabilidade da estagnação para as políticas de ajuste estrutural e de abertura comercial forçada, as quais desestruturaram as indústrias locais e revelaram que o subdesenvolvimento não é um destino geográfico, mas sim o resultado de escolhas políticas inadequadas.

Nesse contexto, a presente resenha analisa as principais ideias apresentadas pelo autor, destacando sua crítica às explicações deterministas do atraso econômico africano e sua defesa de que as políticas econômicas adotadas ao longo do tempo tiveram papel decisivo no processo de desenvolvimento da região. Além disso, serão discutidos os argumentos relacionados aos programas de ajuste estrutural, à abertura comercial e aos impactos dessas medidas sobre o crescimento econômico dos países africanos.

2. A DIÁSPORA AFRICANA

A Diáspora Africana refere-se ao deslocamento forçado e obrigatório de povos africanos e de seus descendentes para outras partes do mundo, especialmente para as Américas, Europa, Caribe e Oriente Médio, resultando na formação de comunidades afrodescendentes fora do continente africano. Embora esse processo tenha raízes muito antigas, foi durante o tráfico transatlântico de escravizados, entre os séculos XV e XIX, que a diáspora africana assumiu proporções gigantes, com consequências profundas e duradouras para as sociedades envolvidas.

O processo violento da dispersão provocou não apenas a ruptura de laços familiares e culturais na África, como também o surgimento de novas formas de resistência e reconstrução identitária nos territórios para onde esses povos foram levados. Mesmo sob as condições desumanas da escravidão, os africanos originários e seus descendentes lutaram para preservar

suas tradições religiosas, linguísticas, musicais, gastronômicas e filosóficas, influenciando decisivamente a formação das culturas nacionais.

No Brasil, por exemplo, a presença africana está profundamente entranhada nas expressões populares, na música, na religião, na culinária e na linguagem. Em Cuba, no Haiti, no Caribe, nos Estados Unidos e em outros lugares, o legado africano também se manifesta como uma força cultural que integra pessoas e grupos. Atualmente a diáspora africana impacta a economia global e local através de remessas financeiras bilionárias que sustentam famílias na África, do imenso poder de compra da população negra no exterior (movimentando o mercado interno de países como o Brasil e os EUA) e do fortalecimento do turismo de raízes e da economia criativa.

3. A POBREZA NA ÁFRICA SUBSAARIANA

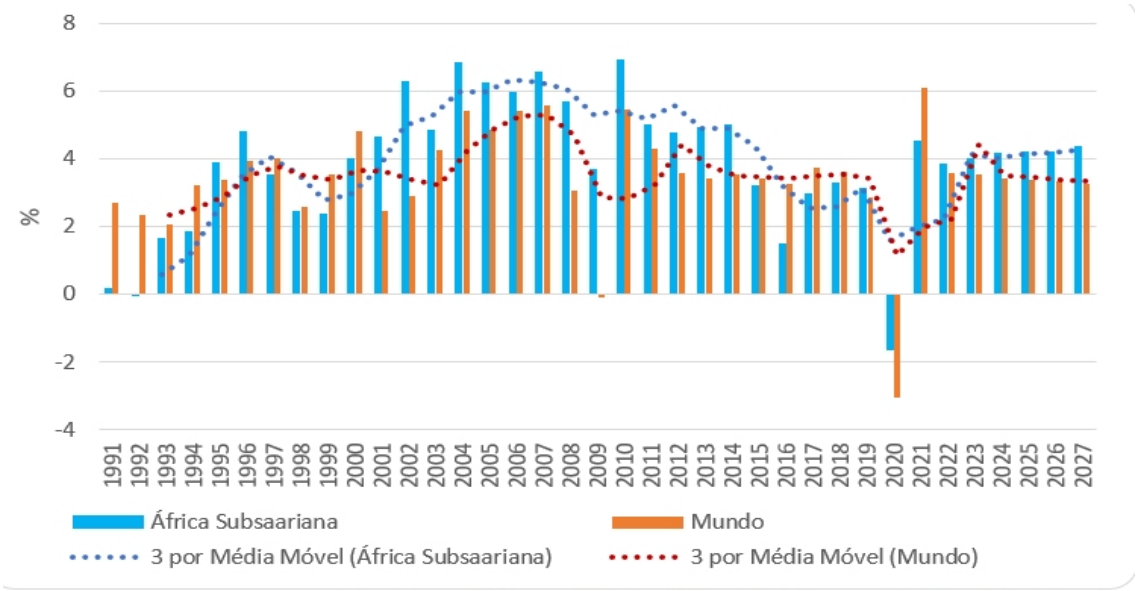
A África Subsaariana apresenta condições deploráveis de vida. Para piorar ainda mais a situação, seus governantes são corruptos e na maioria dos casos, roubam tudo o que pertence ao povo e deixam a maioria na miséria e pobreza. Os níveis de pobreza na África continuam entre os mais altos do mundo devido a fatores como instabilidade política, distribuição desigual de recursos e mudanças climáticas. Esses desafios sistêmicos afetam desproporcionalmente comunidades rurais e remotas, limitando o acesso à educação, saúde e oportunidades econômicas.

Um dos principais fatores que contribuem para a pobreza na África é a instabilidade econômica. Altas taxas de desemprego, desigualdade de renda e políticas econômicas que às vezes não priorizam as necessidades dos cidadãos mais vulneráveis de uma nação africana desempenham um papel turbulento. Por exemplo, na África Subsaariana, as taxas de desemprego juvenil são assustadoramente altas. Isso dificulta que os jovens garantam um sustento estável. A desigualdade de renda agrava o problema, com uma distribuição extremamente desigual da riqueza que deixa muitos lutando para suprir até mesmo suas necessidades domésticas mais básicas. Essa questão da disparidade econômica não afeta apenas famílias individuais, mas se espalha por comunidades inteiras, impedindo o progresso e o desenvolvimento.

Com base na Figura 1, a África Subsariana (em azul) cresceu acima da média Mundial (em laranja) na maior parte dos anos 2000, com picos acima de 6%. Ambas as economias sofreram uma queda histórica e conjunta em 2020 devido à pandemia, registrando recessões

inéditas no período analisado. Após uma forte recuperação em 2021, a tendência projetada até 2027 é de estabilização e convergência, com ambas as linhas caminhando juntas em um crescimento moderado na faixa dos 3% a 4% ao ano.

Figura 1 : análise do crescimento anual do PIB, mundo e África Subsaariana



Fonte: FMI/WEO abril 2022 https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April

O menor crescimento atual (3% a 4%) compromete o futuro da região, pois mal acompanha o rápido crescimento demográfico, resultando em estagnação da renda por habitante. A recessão de 2020 e a lenta retomada elevaram o endividamento público e empurraram milhões de pessoas de volta à extrema pobreza. Sem expansão acelerada, a criação de empregos para a grande massa de jovens se torna o maior desafio social.

4. O IMPACTO DAS POLÍTICAS ECONÔMICAS E DA ABERTURA COMERCIAL

A partir da década de 1980, diversos países africanos passaram a implementar programas de ajuste estrutural promovidos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial. Essas reformas defendiam a redução dos gastos públicos, privatizações e abertura comercial. Segundo Ha-Joon Chang, tais medidas limitaram a capacidade dos governos de proteger e desenvolver suas indústrias nacionais, aumentando a dependência das exportações de produtos primários.

Embora algumas economias tenham apresentado crescimento, os benefícios não foram distribuídos de forma igualitária. Dados do Banco Mundial indicam que cerca de 35% da população da África Subsaariana ainda vivia em extrema pobreza em 2022, concentrando mais da metade dos extremamente pobres do mundo. Além disso, muitos países continuaram dependentes da exportação de petróleo, minérios e produtos agrícolas, tornando suas economias vulneráveis às oscilações dos preços internacionais.

Chang argumenta que os países hoje desenvolvidos utilizaram políticas de proteção à indústria nacional durante seus processos de industrialização. Dessa forma, exigir abertura econômica imediata aos países africanos significou retirar instrumentos que haviam sido fundamentais para o desenvolvimento das nações mais ricas.

5. CRESCIMENTO ECONÔMICO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Apesar das dificuldades, a África apresenta importantes oportunidades de crescimento. Segundo projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia da África Subsaariana deverá crescer cerca de 4% ao ano entre 2025 e 2027, ritmo superior ao de várias economias avançadas. Além disso, o continente possui a população mais jovem do mundo: estima-se que mais de 60% dos africanos tenham menos de 25 anos, o que representa um enorme potencial para o mercado de trabalho e para a expansão do consumo.

O Produto Interno Bruto (PIB) conjunto da África ultrapassa US$ 3 trilhões, e iniciativas como a Área de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA) buscam ampliar o comércio interno e fortalecer a integração econômica regional. Estudos da União Africana indicam que a AfCFTA poderá aumentar o comércio intra-africano em mais de 50% até 2030, estimulando a industrialização e a geração de empregos.

De acordo com o FMI (2024) e o Banco Mundial (2024), a África Subsaariana mantém uma trajetória de crescimento econômico positivo, com expectativa de expansão do PIB nos próximos anos, apesar dos desafios estruturais enfrentados pela região.

Os dados demonstram que a economia da África Subsaariana sofreu forte impacto durante a pandemia de COVID-19 em 2020, mas apresentou rápida recuperação nos anos seguintes. As projeções apontam para um crescimento estável nos próximos anos, reforçando o potencial econômico da região. Entretanto, para que esse crescimento resulte em melhoria das condições de vida da população, será necessário ampliar os investimentos em educação, infraestrutura, saúde e industrialização.

Nesse contexto, Ha-Joon Chang destaca que o desenvolvimento africano depende da adoção de políticas públicas voltadas para a industrialização, educação e fortalecimento das instituições. A experiência histórica demonstra que o crescimento sustentável exige planejamento estatal e investimentos de longo prazo, e não apenas a liberalização dos mercados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os paradigmas de desenvolvimento, observa-se que a trajetória econômica africana foi profundamente condicionada pelo impacto de políticas de ajuste estrutural, que limitaram a utilização de instrumentos de proteção industrial necessários para a consolidação de uma base produtiva nacional. Essa configuração resultou em uma vulnerabilidade persistente diante das oscilações de preços internacionais de produtos primários, o que dificulta a distribuição de renda e a mitigação da pobreza.

De modo a projetar esses pontos para o contexto do Brasil, observa-se que, embora o país possua um parque industrial mais diversificado, ele compartilha o desafio estrutural da dependência de commodities minerais e agrícolas. Enquanto a fonte destaca a exposição africana aos preços externos de produtos primários, o Brasil enfrenta um fenômeno de "reprimarização" de sua pauta exportadora, o que gera uma volatilidade econômica semelhante à descrita para o continente africano. Em ambas as realidades, a soberania econômica é posta em xeque pela falta de valor agregado aos produtos exportados.

No campo social e demográfico, a África possui a oportunidade de aproveitar a energia produtiva da população mais jovem do mundo e a integração da Área de Livre Comércio Continental Africana (AFCFTA). Em contrapartida, o Brasil atravessa uma transição demográfica acelerada para o envelhecimento populacional, o que impõe desafios distintos para a sustentabilidade da previdência e do sistema de saúde. Contudo, o ponto de convergência reside na educação: a fonte reafirma que o desenvolvimento sustentável africano depende de um planejamento estatal focado em educação e no fortalecimento de instituições públicas. No Brasil, a superação da "armadilha da renda média" também está condicionada à qualidade do ensino e à capacidade do Estado em atuar como indutor de inovação tecnológica.

Conclui-se, portanto, que a liberalização de mercados de forma isolada, como sugerido por modelos internacionais citados na fonte, não é o único caminho para o progresso social. Tanto na África quanto no Brasil, a estabilidade e a soberania econômica exigem que o Estado não seja apenas um regulador, mas um planejador robusto capaz de coordenar políticas de

industrialização e infraestrutura institucional que transformem o crescimento em desenvolvimento efetivo.

REFERÊNCIAS

BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO (AfDB). African Economic Outlook 2024. Abidjan: African Development Bank Group, 2024.

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators. Washington, DC: World Bank, 2024. Disponível em: https://data.worldbank.org. Acesso em: 11 jun. 2026.

CHANG, Ha-Joon. 23 Coisas que Não Nos Contaram sobre o Capitalismo. São Paulo: Cultrix, 2013.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa. Washington, DC: International Monetary Fund, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). World Population Prospects 2024. Nova York: United Nations, 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024. Nova York: PNUD, 2024.

UNIÃO AFRICANA. African Continental Free Trade Area (AfCFTA): Economic Impact and Opportunities. Addis Abeba: União Africana, 2024. Disponível em: https://au-afcfta.org. Acesso em: 11 jun. 2026.

RODNEY, Walter. Como a Europa Subdesenvolveu a África. São Paulo: Boitempo, 2022.

Texto escolhido e elaborado pelos estudantes do 1º semestre de Ciências Econômicas da ESAN/UFMS (2026/1) listados abaixo:

•Julia Nicolle Xavier Leonel
•Conceição Kiala Garcia
•Arthur Leal
•Matheus Janzen
•Geovanna Nabhan
•João Henrique Faedo Boveda
•Ana Júlia Vaz De Mello Corrêa
•Mirelle Heloyse Dos Santos Bezerra

Tema escolhido e elaborado pelos estudantes com base nas aulas da disciplina de **Prática Extensionista I**, ofertada no 1º semestre de 2026, referente ao projeto de extensão

"Entendendo a Economia: Oficinas de Leitura, Análise de Dados e Educação Financeira", coordenado pelo professor Dr. Odirlei Fernando Dal Moro.

Orientação Docente: corrigido e orientado por Prof. Dr. Odirlei Fernando Dal Moro – Docente do curso de Ciências Econômicas, ESAN/UFMS.

Ano da Publicação: 2026.